



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**ANA FILIPA
TAVARES DA SILVA
GOMES**

**A AUTOESTIMA NUMA SALA DO 1.º CEB
UM ESTUDO DE CASO**



**ANA FILIPA
TAVARES SILVA
GOMES**

**A AUTOESTIMA NUMA SALA DO 1.º CEB
UM ESTUDO DE CASO**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

O júri

presidente

Prof.^a Doutora Marlene da Rocha Migueis
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Inês Maria Henriques Guedes de Oliveira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Dedico este trabalho a todas as pessoas que ao longo destes anos me acompanharam.

Começo por agradecer à Prof. Doutora Gabriela Portugal, pela mestria e disponibilidade com que me tem orientado. À professora cooperante Paula Lopes, pelo seu contributo de grande valor para a condução deste estudo. Ao Prof. Doutor Rui Vieira, pelo apoio contínuo e palavras de motivação ao longo da Prática Pedagógica Supervisionada.

Quero também agradecer à Conceição, colega de díade e amiga, pela partilha de ideias e força nos momentos menos fáceis. Aos meus amigos reconheço o apoio e carinho que me deram ao longo de todo este processo, em especial ao Vítor pela paciência e compreensão. Por fim, mas com imensa importância, agradeço à minha mãe e ao meu pai, pela cumplicidade e tolerância com que sempre me acompanharam.

Palavras-chave

Autoestima, bem-estar emocional, implicação, desenvolvimento pessoal e social, sucesso escolar, insucesso escolar, Sistema de Acompanhamento de Crianças.

Resumo

Este projeto surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade de Aveiro e é o resultado do trabalho desenvolvido em duas unidades curriculares articuladas entre si, Prática Pedagógica Supervisionada (estágio) e Seminário de Investigação Educacional (SIE).

A intervenção pedagógica realizada teve como principal preocupação a promoção da autoestima junto de uma turma do 2.º ano do 1.º CEB, com especial atenção a uma criança que suscitava alguma preocupação ao nível do seu bem-estar e da qualidade da sua implicação em diversas atividades.

Com este objetivo, foram concebidas, implementadas e avaliadas diversas atividades e intervenções, de forma articulada com o desenvolvimento do currículo no 1.º CEB, envolvendo várias áreas curriculares.

Considera-se que tendo as intervenções ocorrido num espaço de tempo curto, os resultados obtidos não nos permitem afirmar com toda a certeza a efetividade das intervenções. De qualquer modo, entende-se que a preocupação em desenvolver atividades e proporcionar momentos que promovessem a autoestima das crianças resultou, em termos imediatos, em maior bem-estar emocional e parece ter contribuído positivamente no processo de desenvolvimento do grupo e da criança alvo. No final do período de prática pedagógica, esta criança parecia revelar sinais de mais elevada autoestima, verificando-se maior bem-estar e atitudes ou comportamentos académicos mais adequados.

Keywords

Self-esteem, emotional welfare, involvement, personal and social development, educational achievement, educational failure, Child Monitoring System.

Abstract

This project within the Master's degree (2nd cycle degree) in Teacher Education - Pre-school education and 1st cycle of basic schooling in the University of Aveiro is the result of the work done within two interconnected curricular units, *Prática Pedagógica Supervisionada (Supervised Teaching Practice)* - traineeship, and *Seminário de Investigação Educacional - SIE (Educational Research Seminar)*.

The educational intervention performed aimed the promotion of self-esteem with a 2nd grade class of the 1st cycle, with special attention to a child who raised some concern in terms of his welfare and quality of its implication in various activities.

Bearing this in mind, we designed, implemented and evaluated various activities and interventions, in coordination with the development of the curriculum in the 1st cycle, involving various curricular areas.

It is considered that the interventions have occurred in a short period of time, the results did not allow us to state with certainty the effectiveness of interventions. Anyway, it is understood that the concern in developing activities and provide moments that promote the self-esteem of children resulted in immediate terms, a greater emotional welfare, and seems to have contributed positively in the process of group development and child target. At the end of the teaching practice, this child seemed to show signs of higher self-esteem, checking for greater welfare and academic attitudes or behaviours more appropriate.

Índice

Introdução.....	1
Parte I	4
Enquadramento Teórico	4
1. A Autoestima na Documentação Oficial do Ministério da Educação	5
2. Definição e Componentes da Autoestima.....	8
3. Importância da Autoestima	10
4. Papel da Família no Desenvolvimento da Autoestima	12
5. Papel da Escola no Desenvolvimento da Autoestima.....	14
6. Como promover a Autoestima na Criança.....	15
7. Desenvolvimento Pessoal e Social.....	15
8. Insucesso/Sucesso Escolar	17
9. Sugestões de Atividades Promotoras de Autoestima.....	21
Parte II.....	23
Estudo Empírico.....	23
10. Caracterização do Contexto e do Grupo.....	25
11. Caracterização do GD	26
12. Abordagem Metodológica.....	27
13. Organização da Intervenção.....	29
13.1 Objetivos Específicos.....	29
13.2 Estratégias	29
13.3 Atividades e Intervenções	30
14. Conclusão e Considerações Finais.....	42
15. Bibliografia/ Webgrafia	45

Anexos

Índice de Figuras

Figura 1 - Cartaz do retrato físico e psicológico da Mara	33
Figura 2 - Rosto do postal	34
Figura 3 - Interior do postal	34
Figura 4 - Desenho da mão do GD.....	37
Figura 5 - Cartaz “Elogios na palma da mão”	37
Figura 6 - Folha de registo “Eu sou especial”.....	39
Figura 7 - Jogo “A rede da amizade”	40
Figura 8 - Jogo “A rede da amizade”	40

Introdução

Este projeto surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade de Aveiro e é o resultado do trabalho desenvolvido em duas unidades curriculares articuladas entre si, Prática Pedagógica Supervisionada (estágio) e Seminário de Investigação Educacional (SIE).

Este trabalho foi desenvolvido em díade, num ambiente colaborativo, reflexivo e cheio de partilha de ideias, abordagem esta que teve um impacto significativo na forma como me fui construindo pessoal e profissionalmente.

No decurso da minha formação profissional, a temática da autoestima sempre suscitou em mim muito interesse e curiosidade. Por outro lado, sempre desejei perceber melhor a relação entre a autoestima e a adaptação escolar, sucesso ou insucesso escolar. Até que ponto podem as atitudes do educador/professor contribuir para o desenvolvimento de uma criança feliz/infeliz, com confiança em si própria ou com uma imagem negativa em relação a si própria e ao mundo em geral? Que efeito poderá ter na criança rótulos negativos como “preguiçosa”, “incapaz”, “manhosa”, “só quer chamar a atenção”, assumindo-se que os problemas residem no facto de a criança “ser assim” e que a escola pouco pode fazer para alterar a situação? Consideramos que caberá ao profissional de educação estar sensibilizado para perceber e despistar possíveis casos de crianças que experienciem este tipo de situação, devendo atuar de forma mais sensível, adequada e consistente. Tratar-se-á de uma intervenção que não pode deixar de atender às necessidades e interesses das crianças, valorizando o bem-estar emocional como dimensão indispensável no processo de ensino e de aprendizagem. Nesta linha de pensamento, o objetivo de criar ambientes de aprendizagem onde as crianças se sintam mais seguras e felizes, com níveis de autoestima mais elevados parece fazer todo o sentido.

Assim, assumimos a importância do trabalho em prol da autoestima junto de crianças, em contextos pré-escolares e escolares, enquanto espaços privilegiados para o desenvolvimento de atitudes básicas importantes à construção global da criança. Sendo a criança um cidadão pleno mas ainda com grande potencial de desenvolvimento, a função das instituições educativas para a infância será criar condições para que esse

desenvolvimento ocorra da melhor forma possível, estimulando a criança e ajudando-a a lidar e a ultrapassar diversos obstáculos.

Consideramos ainda que investir no desenvolvimento da criança envolve atender não só a dimensões cognitivas mas também a dimensões sociais e emocionais, dimensões atitudinais e éticas.

Sendo esta a linha de pensamento subjacente ao desenvolvimento do nosso projeto de prática pedagógica em contexto de 1.º CEB, já anteriormente, no momento do estágio em educação pré-escolar, iniciámos a exploração teórica do conceito de autoestima e possibilidades de intervenção no sentido da sua promoção.

Assim, a intervenção pedagógica realizada teve como principal preocupação a promoção da autoestima junto de uma turma do 2.º ano do 1.º CEB, com especial atenção a uma criança (GD) que suscitava alguma preocupação ao nível do seu bem-estar e ao nível da qualidade da sua implicação em diversas atividades.

Com este objetivo, foram concebidas, implementadas e avaliadas diversas atividades e intervenções, de forma articulada com o desenvolvimento do currículo no 1.º CEB, envolvendo várias áreas curriculares.

Explicita-se de seguida o roteiro organizativo deste Relatório de Estágio.

Este trabalho inicia-se com a apreciação de alguma documentação oficial do Ministério da Educação considerando forma como a autoestima e perspectivada no nosso sistema educativo.

Seguidamente, com recurso a diversos autores, procede-se à definição do conceito de autoestima, referindo os seus componentes e a sua importância para o desenvolvimento pessoal e social da criança, de forma a esclarecer alguns conceitos básicos à compreensão deste tema e salientar a influência que esta atitude tem no processo de desenvolvimento da criança.

Cabendo ao adulto a responsabilidade de apoiar o desenvolvimento da criança, considera-se pertinente referir o papel da família e da escola neste processo, sendo sugeridas algumas ideias promotoras desta atitude.

Importa para o profissional de educação perceber a influência da autoestima nas situações de insucesso ou sucesso escolar, com vista a adaptar a sua prática pedagógica às necessidades do contexto educativo.

Na sequência deste enquadramento teórico, apresenta-se o estudo empírico deste projeto. O estudo empírico, Parte II do presente projeto, pretende expor, analisar e refletir toda a dimensão prática da intervenção em torno da promoção da autoestima numa turma do 2º ano do 1º CEB. Este estudo, encontra-se estruturalmente organizado do seguinte modo: apresentação dos objetivos gerais da intervenção, como os pilares basilares e propósito deste projeto. Segue-se a caracterização do contexto e grupo que, perspetivando dar a conhecer a realidade intervencionada, serve também de avaliação diagnóstica da mesma. Ainda neste âmbito, foi considerada fundamental uma análise mais pormenorizada e reflexiva de uma criança em particular (GD) que, posteriormente, será apresentada como estudo de caso. Neste sentido, numa perspetiva diagnóstica, pretende-se perceber as suas características, o seu sentir, as suas emoções, perante vivências experienciadas, respeitando toda a sua natureza e individualidade.

A organização da intervenção propriamente dita encontra-se estruturada com a apresentação dos seus objetivos específicos, as estratégias adotadas, considerando essencialmente as necessidades, interesses e individualidades das crianças em geral e, em particular, da criança em análise.

Segue-se a descrição das atividades e intervenções desenvolvidas, assim como as respetivas vivências experienciadas pelo grupo e criança, analisadas e refletidas numa dinâmica de avaliação processual.

Por fim, surgem a conclusão/considerações finais que, ponderando os objetivos inicialmente propostos e os concretizados, perspetivam uma avaliação final da intervenção, fazendo um balanço da mesma, suas possibilidades e limitações, assim como eventuais perspetivas de estudo da temática autoestima em futuros trabalhos académicos ou profissionais.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A autoestima na documentação oficial do Ministério da Educação

Procurámos averiguar a intencionalidade pedagógica referente ao desenvolvimento e promoção da autoestima nos documentos oficiais referentes aos níveis de Ensino Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Relativamente ao Ensino Pré-escolar, a pesquisa debruçou-se na abordagem das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), Metas de Aprendizagem e Perfil de Desempenho Profissional relativo ao nível de ensino.

Sendo a educação pré-escolar a primeira etapa de educação básica, as temáticas relacionadas com o desenvolvimento e aprendizagem de valores e atitudes encontram-se de forma bastante explícita ao longo dos documentos.

Nas OCEPE a abordagem da autoestima encontra-se explícita na Área de Formação Pessoal e Social que, enquanto área integradora e transversal, os seus conteúdos encontram-se articulados com as outras áreas de conhecimento, como refere: “o desenvolvimento social e pessoal assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima”, (OCEPE, 1997, p. 52).

Quanto às Metas de Aprendizagem, é no domínio da Identidade/Autoestima que o desenvolvimento da autoestima é abordado de forma mais determinante. Estipulam-se quatro metas finais, que a criança deve satisfazer no final do pré-escolar, nomeadamente:

“ (...) identificar as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades” (meta final 1);

“ (...) a criança reconhece laços de pertença a diferentes grupos (família, escola, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social” (meta final 2);

“ (...) expressar as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada” (meta final 3);

“ (...) revelar confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar num grupo que lhe é familiar” (meta final 4).

Relativamente ao Perfil de Desempenho Profissional, é na conceção e desenvolvimento do currículo, nomeadamente em termos de contexto relacional que a temática da autoestima é mais referenciada.

No âmbito da relação e da ação educativa, o educador de infância deve “relacionar-se com as crianças de forma a favorecer a necessária segurança afetiva e a promover a sua autonomia”, “fomentar a cooperação entre as crianças garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo”, “apoiar e fomentar o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo”, “estimular a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas”, “fomentar nas crianças capacidades de realização de tarefas e disposições para aprender”, no fundo, “promover o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania” (Ministério da Educação, 2001, II.4).

No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, os documentos averiguados foram: o Currículo Nacional do Ensino Básico, Organização Curricular e Programas para o Ensino Básico 1.º Ciclo, Metas de Aprendizagem e Perfil de Desempenho Profissional para o respetivo nível de ensino.

O Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, a Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e as Metas de Aprendizagens – Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, estabelecem uma estreita articulação entre elas, ou seja, direcionam-se num mesmo sentido.

Importa referir que, as metas curriculares (numa 1.ª fase: metas de aprendizagens) foram uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência, surgindo na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais” (Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro).

O Currículo Nacional do Ensino Básico refere “este documento é, assim, uma referência nacional para o trabalho de formulação e desenvolvimento dos projetos curriculares de escola e de turma a realizar pelos professores. Situa-se claramente na perspetiva de contribuir para a construção de uma conceção de currículo mais aberto e abrangente,

associada à valorização de práticas de gestão curricular mais flexíveis e adequadas a cada contexto.” (p.5).

Na Organização Curricular e Programas, logo nas primeiras páginas, constam os objetivos gerais do ensino básico e refere na p. 16 “A consecução destes objetivos deve subordinar-se ao desenvolvimento das competências essenciais, gerais e específicas definidas no currículo nacional (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais) ”.

Segundo o Ministério da Educação e Ciência (DGE), as metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual.

Conjuntamente com os atuais Programas de cada disciplina, as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos Programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade (cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).¹

Os Programas constituem-se como documentos curriculares de referência para o desenvolvimento do ensino, apresentando, de forma detalhada, as finalidades de cada disciplina, os objetivos cognitivos a atingir, os conteúdos a adquirir e as capacidades gerais a desenvolver.

Visando promover o sucesso educativo dos alunos, os Programas deverão ser utilizados conjuntamente com as Metas Curriculares homologadas, as quais enunciam, de forma organizada e sequencial, os objetivos de desempenho essenciais de cada disciplina.

Salienta-se que a aplicação dos Programas e das Metas Curriculares deve respeitar e valorizar a autonomia pedagógica dos professores, bem como a sua experiência profissional e o seu conhecimento científico sólido.²

¹ Retirado de: <http://www.fne.pt/content/item/show/id/5413>

² Retirado de: <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1>

No Perfil de Desempenho Profissional do Professor é reforçada a ideia da importância da qualidade do seu desempenho como condição básica para o sucesso educativo.

Com o início da escolarização a grande preocupação recai na sistematização de aprendizagens em termos de estruturação e organização de conceitos e conteúdos. A temática da autoestima encontra-se implicitamente subjacente a determinados princípios e valores orientadores do currículo. A abordagem à temática é feita de forma transversal a todas as áreas de conhecimento, devendo a prática pedagógica ser sensível à importância do desenvolvimento de uma autoestima positiva, enquanto atitude indispensável ao sucesso escolar dos alunos. Esta transversalidade destaca-se na área de conhecimento Estudo do Meio, no 1.º ano do 1.º ciclo, onde se inicia a estruturação do conhecimento do aluno sobre si próprio, desenvolvendo atitudes de autoestima e de autoconfiança, valorizando a sua identidade e raízes. Também a área não disciplinar de Formação Cívica cuja finalidade consiste em desenvolver competências inerentes ao exercício da cidadania, desenvolve atitudes de autoestima, respeito mútuo e regras de convivência.

2. Definição e Componentes da Autoestima

Na elaboração do enquadramento teórico em torno da autoestima, sobressaíram alguns autores que de forma marcante influenciaram a escrita deste texto. São eles: Alcántara (1991), Arándiga (1998) e Franco (2009). De acordo com a leitura proporcionada por estes autores, considera-se que falar de autoestima é falar de uma atitude que a pessoa tem em relação a si própria, refletida na forma de ser e atuar, resultante da união de hábitos, aptidões adquiridas e motivações. Conclui-se, portanto, que a autoestima não é inata, constrói-se, ou seja aprende-se da mesma forma que se aprendem muitos comportamentos, de acordo com as experiências pessoais e sociais de cada um.

O ser humano é constituído e constituinte do seu próprio processo histórico. Este é construído através de aprendizagem não intencional, de origem informal ou formal, resultante da interação do sujeito com múltiplos fatores: biológicos, sociais e psicológicos. Segundo Alcántara (1991) a autoestima comporta três componentes: o cognitivo, o afetivo e o de conduta. Estes estão intimamente ligados, ou seja, a alteração de um implica a

modificação dos outros. Assim, a autoestima reflete-se em três planos: nas coisas que se faz; nos pensamentos, ideias, crenças e valores que se tem, e no que se sente.

O componente cognitivo compreende ideias, opiniões, crenças, percepções e processamento de informação, emanados pelos intervenientes significativos do meio envolvente, formando o autoconceito.

O componente afetivo traduz o juízo de valor que o indivíduo forma a seu próprio respeito, baseado naquilo que considera agradável ou desagradável em si mesmo.

O componente da conduta significa intenção e decisão de agir, de levar à prática um comportamento consequente e coerente, determinante da autoafirmação do indivíduo perante si e os outros.

Autoestima Positiva:

A autoestima positiva pressupõe que o indivíduo se aceite como é, não significando isso que o seu comportamento não mude, melhore ou evolua. Pelo contrário, ter uma autoestima positiva implica ser capaz de valorizar as suas qualidades e de reconhecer os seus defeitos com o objetivo de os mudar. Ter consciência dos aspetos comportamentais suscetíveis de mudança, pressupõe uma atitude para a melhoria e desenvolvimento da autoestima.

Uma criança com autoestima positiva parece estar bem consigo própria, com a sua forma de sentir, de pensar e agir em relação a si e aos outros. Sabe valorizar adequadamente as suas qualidades e capacidades, estando disponível para a realização de diferentes tarefas sociais e pessoais.

A criança com autoestima positiva age com independência e enfrenta novos desafios com entusiasmo e confiança. Assim, expressa pensamentos positivos, valoriza favoravelmente as suas ações e/ou acontecimentos da sua vida, orgulha-se das suas conquistas, sente-se bem consigo própria e feliz pelo reconhecimento dos outros.

Os indicadores de autoestima servem de referência aos profissionais de educação no processo de avaliação e acompanhamento das crianças. Portugal e Laevers (2010) apontam alguns indicadores de autoestima positiva:

- A criança não evidencia comportamentos que expressem tensão emocional, conflitos internos, experiências dolorosas ou traumáticas;

- A criança compreende os seus próprios sentimentos e necessidades e tem autoconfiança suficiente que lhe permite expressá-los adequadamente;
- A criança evidencia autoconfiança e sentido de valor pessoal;
- A criança apresenta sentido de responsabilidade relativamente ao seu bem-estar, evidenciando cuidado consigo própria e assertividade.

Autoestima negativa:

A criança com uma baixa autoestima sente-se mal consigo própria e reflete esse estado de insatisfação pessoal. Evita situações que lhe podem provocar ansiedade ou medo, como situações de exposição das suas capacidades (percebidas como incapacidades) e, conseqüentemente, reduz as oportunidades de se confrontar com o desafio e de se desenvolver pessoal e socialmente. Esta criança poderá ser muito influenciável, desenvolver pensamentos negativos e sentimentos de inferioridade. Poderá revelar sentimento de infelicidade, tristeza e frustração, perante as dificuldades, rejeição e pouco reconhecimento positivo por parte dos outros.

A autoestima parece depender do contexto e área de capacidades. Algumas crianças poderão ter uma autoestima académica muito baixa mas, em áreas desportivas ou mesmo sociais, junto de alguns grupos, os indivíduos poderão sentir-se bem consigo próprios. Desta forma, dificilmente se poderá falar de uma autoestima geral positiva ou negativa. Importa estabelecer uma relação com o contexto em que o indivíduo se move.

3. Importância da Autoestima

Como referem Portugal & Laevers (2010) “a educação deve favorecer atitudes positivas que estão na base de toda a aprendizagem, nomeadamente, autoestima positiva, curiosidade e desejo de aprender, auto-organização/iniciativa, criatividade e sentimento de ligação ao mundo. O desenvolvimento de uma **autoestima positiva** ganha particular importância ao constituir-se como dimensão básica para a plena realização de cada um, com estreita ligação com um sentido de segurança, de identidade, de pertença, de objetivos e de competência. Desenvolve-se, naturalmente, a partir de processos cognitivos e afetivos que

permitem sentirmo-nos bem relativamente a características pessoais (sentirmo-nos amáveis, únicos, valiosos, merecedores de respeito e com sentido de controlo sobre a própria vida). É uma área de desenvolvimento indispensável ao bem-estar emocional, garantia de saúde emocional na criança: nestas condições, a criança experiencia segurança e conforto que lhe permitem ser ela própria e atuar espontaneamente numa variedade de situações, retirando prazer e alegria das atividades e companhia dos outros; evidencia uma atitude recetiva em relação ao contexto envolvente, serenidade e vitalidade; adapta-se bem a novas situações e, em situações difíceis, compreende e expressa adequadamente os seus próprios sentimentos” (p.38).

Se a autoestima positiva é fundamental para uma vida saudável, considerando que a parte física e psicológica do indivíduo se inter-relacionam, o nosso corpo reagindo ao nosso estado de ânimo que por sua vez influencia o corpo, a baixa autoestima está associada a problemas de ansiedade e depressão, doenças frequentes da atualidade.

Importa desta forma desenvolver uma autoestima positiva, considerando que esta contribui para o desenvolvimento de pessoas psicologicamente mais fortes, capazes de enfrentar e superar com maior facilidade momentos depressivos e de ansiedade. Contrariamente, a pessoa com baixa autoestima demonstra maior dificuldade em superar e recuperar de momentos depressivos e ansiosos.

Importa também referir, que desenvolver autoestima positiva não significa necessariamente não experienciar momentos de ansiedade e de tristeza. Aprender a lidar com a frustração e a tristeza faz parte da vida.

Segundo Arándiga (1998), a interpretação que se faz dos acontecimentos da vida, também está muito relacionada com a autoestima e comportamentos consequentes. As pessoas que geralmente interpretam positivamente os acontecimentos da vida, mesmo os mais difíceis, parecem ter uma autoestima mais elevada e, conseqüentemente, mais bem-estar, contrariamente aqueles que normalmente interpretam negativamente as diversas situações do dia a dia.

Sentimentos de satisfação na relação com os outros ajudam ao desenvolvimento de uma autoestima positiva, maior adequação social e sentido de responsabilidade. Participar em conversas, dar a sua opinião, tomar iniciativas em conjunto, manifestar emoções, saber ouvir o outro e aceitar críticas construtivas, são algumas das capacidades envolvidas na

relação entre a autoestima e as capacidades sociais. A pessoa com baixa autoestima poderá evitar situações de socialização, facto que alimentará ainda mais uma baixa autoestima.

Importa realçar também, a possível relação existente entre a autoestima e o rendimento escolar. Esta interação é contínua e de influência mútua, de tal modo, que ambas se reforçam.

Uma criança que tem uma perceção positiva da escola, que se sente valorizada e apreciada no ambiente escolar, reunirá melhores condições para se mobilizar para as atividades académicas do que a criança que se sente ameaçada, não compreendida, deslocada no contexto escolar. Se o contexto escolar incentiva a competição, a comparação, a hierarquização entre crianças, se valoriza os desempenhos intelectuais e o rendimento escolar, a forma como estas duas crianças viverão a sua escolaridade e a imagem que criarão acerca de si próprias e do contexto será muito diferente.

A criança que confia na sua capacidade de aprender, de se superar, de evoluir, de se relacionar, que é estimulada e reconhecida, poderá desenvolver uma autoestima positiva, algo que por si só favorecerá o rendimento escolar. Pelo contrário, na criança insegura e com poucas experiências de sucesso, a comparação com os colegas e nomeadamente com os resultados destes funciona como um marco de referência, com repercussões negativas significativas no desenvolvimento da autoestima.

4. Papel da Família no Desenvolvimento da Autoestima

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade da criança, nomeadamente no desenvolvimento da autoestima. A qualidade das relações que se estabelecem no seio da família influenciam determinantemente o desenvolvimento da autoestima.

Desde os primeiros anos de vida, os pais são “modelos” para os filhos que aprendem de acordo com o que observam, falam e ouvem. Como grande parte das aprendizagens das crianças acontece por imitação, através da observação dos pais as crianças vão formando o seu autoconceito. A realidade familiar da criança, independentemente de ser positiva ou negativa, irá influenciar o seu desenvolvimento. Uma boa relação familiar transmitirá uma segurança emocional à criança fundamental para o desenvolvimento de uma autoestima

positiva. Também é muito importante que a criança tenha a possibilidade de estabelecer relações de vinculação significativas e seguras, no seio das quais a criança se sente respeitada, valorizada e reconhecida. O estilo educativo que os pais adotam também influencia este desenvolvimento, algumas atitudes como autoritarismo ou excessiva liberdade podem ser prejudiciais.

Na linha de pensamento de Arándiga (1998), o interesse que os pais demonstram por toda a realidade que afeta a criança é fundamental para um bom desenvolvimento. Assim, sendo a escola um contexto onde a criança passa grande parte do seu tempo, é importante que os pais participem e cooperem com a instituição educativa. Será uma forma de demonstrar o valor que os pais atribuem à escola do filho, transmitindo segurança e confiança nesse contexto. Deste modo, os pais que revelam interesse pelo processo educativo e colaboram nas atividades organizadas pela escola, transmitirão indiretamente aos filhos o valor e a importância que eles atribuem ao trabalho que aí se realiza. Por sua vez, estas qualidades familiares promovem nas crianças a formação de atitudes favoráveis em relação à escola, ajudarão as crianças a sentirem-se bem consigo próprias e potenciarão o aumento da sua motivação para com o estudo. Alguns dados indicam que os filhos das famílias mais participativas costumam demonstrar um aumento na capacidade de socialização e na autoestima.

O papel dos pais é por vezes bastante difícil e complicado, particularmente quando a criança passa por períodos de crise emocional, onde o nível de autoestima é baixo. Nestes momentos a melhor atitude a tomar é de tolerância, compreensão e diálogo, tentando ouvir os desejos e necessidades dos filhos. Assim, poderão criar uma relação mais próxima com a criança, permitindo uma melhor compreensão do problema, facilitando a mobilização de apoio adequado. Perante estes momentos mais difíceis, os pais têm um papel importante ao nível do reforço da autoestima e da capacidade de enfrentar as responsabilidades escolares. Os pais devem transmitir aos filhos que têm confiança neles e nas suas capacidades para enfrentarem as dificuldades, sendo importante estar atento e oferecer apoio à criança quando necessário.

5. Papel da Escola no Desenvolvimento da Autoestima

As crianças passam muito tempo na escola, com os colegas e com os professores. No contexto escolar acontecem inúmeras situações que produzem efeitos na autoestima da criança, nomeadamente a competitividade entre colegas. Esta competitividade pode ser tomada como estímulo ou, nalguns casos, induzir uma atitude de resignação perante a “inferioridade”.

Segundo Arándiga (1998), para se abrir a novas aprendizagens é importante ter confiança, valorização e respeito por si próprio. Neste sentido, a autoestima e a capacidade para aprender estarão relacionadas. Uma boa autoestima fomentará a aprendizagem e o êxito reforçará os sentimentos positivos. Contrariamente, uma baixa autoestima, pode afetar o rendimento escolar, produzindo, desta forma, um círculo vicioso resultante da correlação entre a autoestima e a aprendizagem escolar.

Ainda nesta linha de pensamento o autor refere que, este contexto é propício a conflitos, resultantes das relações interpessoais competitivas que se criam entre os colegas, envolvendo crianças com diferentes personalidades, idades e interesses. A autoestima de cada criança vai influenciar estas relações. Uma criança com uma autoestima positiva poderá ter mais facilidade em manter uma boa relação com os colegas, evidenciar assertividade e desfrutar desses momentos com prazer e alegria. Pelo contrário, uma criança com uma baixa autoestima poderá sofrer na relação com os colegas, mostrar-se submissa, adotar uma atitude passiva e possivelmente procurará constantemente a aprovação dos outros.

Tanto na escola como em contexto familiar, verifica-se outras inter-relações entre a autoestima, criatividade e habilidade física. Uma criança com uma autoestima positiva desenvolverá melhor a sua criatividade, imaginação, inteligência e habilidades físicas. Pelo contrário, uma baixa autoestima, poderá limitar a imaginação, podendo a criança reagir com mais ansiedade a atividades que apelem à sua criatividade.

6. Como Promover a Autoestima na Criança

Considerando a responsabilidade da escola e das famílias na promoção da autoestima, entendendo ser importante realçar algumas condições essenciais para este efeito, baseadas e adaptadas segundo a perspectiva de Alcántara (1991).

- Considerar a criança um membro importante do grupo;
- Proporcionar uma comunicação fluída e profunda, de modo a facilitar a compreensão;
- Manifestar interesse pelas necessidades da criança;
- Promover valores como: segurança, respeito e confiança;
- Promover o otimismo, a criatividade e a expressão, incentivando a criança a exprimir os seus sentimentos e pensamentos;
- Estimular atitudes de autonomia, participação, colaboração, cooperação, partilha e responsabilidade, de modo que a criança se sinta útil;
- Valorizar positivamente as características singulares, diferentes, raras, inconformistas da criança;
- Elogiar e recompensar os êxitos;
- Revelar comportamentos modelo de autoestima;
- Não ridicularizar nem envergonhar a criança, pois estas atitudes funcionariam como um bloqueio às condições referidas anteriormente.

7. Desenvolvimento Pessoal e Social

O Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS) é finalidade da Educação Pré-Escolar, sendo importante promover a autoestima desde os primeiros anos. Desta forma cabe ao profissional de educação a responsabilidade de criar situações educativas, de acordo com o currículo estabelecido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), de modo a que as crianças aprendam e desenvolvam competências sociais e pessoais, incluindo uma autoestima positiva. Considero esta perspectiva extensível ao 1.º CEB.

As competências sociais e pessoais englobam um conjunto de atitudes, comportamentos no grupo e aprendizagens em domínios essenciais, as quais se pretende que se desenvolvam articuladamente, com o intuito de a criança se relacionar bem consigo própria, com os outros e com o mundo, evidenciando bem-estar.

O mal-estar emocional associa-se em grande número de vezes a uma fraca autoestima. O desenvolvimento da autoestima positiva é uma condição básica para que a criança se desenvolva, aceitando as suas limitações e confiando nas suas capacidades, sendo indispensável ao bem-estar e saúde emocional da criança.

Na linha de pensamento de Portugal e Laevers (2010), uma criança que tem autoestima positiva evidencia segurança e conforto que lhe permitem ser ela própria, agir espontaneamente perante uma variedade de situações, reagir com serenidade a novos desafios e, em situações difíceis, compreender e expressar adequadamente os seus próprios sentimentos, lidando com as suas emoções de uma forma construtiva. Esta enfrenta a realidade com vitalidade, alegria e prazer.

Segundo Alcántara (1991), a autoestima condiciona a aprendizagem, permite que a criança supere as suas dificuldades pessoais, fundamenta a responsabilidade, apoia a criatividade, determina a autonomia pessoal, possibilita uma relação social positiva, garante a projeção futura da pessoa, ou seja, constitui o núcleo da personalidade.

Uma criança que esteja com dificuldades emocionais provavelmente não irá ter espaço mental para investimentos cognitivos, nem vontade de se relacionar em grupo.

Reconhecido o carácter fundamental do desenvolvimento da autoestima positiva na criança, é imprescindível que o adulto seja promotor de autoestima, desde os primeiros anos de vida, momento em que as crianças são muito recetivas e sensíveis a elogios das pessoas que as rodeiam.

Segundo Gabriela Portugal e Ferre Laevers, a autoestima positiva expressa-se de várias formas: bem-estar, autoconfiança, serenidade interior e vitalidade, capacidade de lidar com experiências difíceis e evidência de comportamento assertivo. Relaciona-se com o sentido de segurança, de identidade, de pertença, de objetivos e de competência.

Por sua vez, uma fraca autoestima pode expressar-se através de insegurança no contacto com novas situações, ansiedade, medo de errar, dependência do adulto e também se pode manifestar por choro frequente, birras, tensão, agressividade, intolerância à frustração, instabilidade emocional.

8. Insucesso/Sucesso Escolar

Segundo Sil (2004), o insucesso escolar é uma situação em que não se atingiu um objetivo, em que cada criança é considerada boa ou má aluna em função dos resultados obtidos e dos progressos efetuados no cumprimento dos programas de ensino.

Este autor refere ainda que “a problemática do insucesso escolar é complexa e multiforme, não se reduzindo à ideia simplista e comum que falar em insucesso escolar será o mesmo que falar em reprovações (Pires, 1987). O facto de haver um elevado insucesso escolar não implica necessariamente a abundância de reprovações, tal como a existência de sucesso não pressupõe o contrário.” (p.15).

“O sucesso ou insucesso do aluno é muitas vezes o resultado de vários factores nem sempre controlados ou totalmente conhecidos e identificados, cabendo ao professor um papel central em todo este complexo processo educacional.” (Sil, 2004, p.102)

Ainda nesta linha de pensamento, é reforçada a ideia na importância do papel do professor na redução do insucesso escolar, atribuindo relevância à sua formação, tanto inicial, como contínua, num espaço de adaptação permanente das suas competências a um contexto pedagógico em constante mutação, pelo que o êxito, ou o fracasso, no combate ao insucesso escolar depende, de forma significativa, da capacidade de envolvimento dos professores. (p. 61).

Na Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2006, p.13), refere três grandes objetivos gerais do ensino básico:

- Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.
- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.
- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

A Lei de Bases do Sistema Educativo define o conjunto de objetivos gerais do ensino básico, que se encontram explícitos nos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º46/86. Entre outros, importa realçar os seguintes:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores caraterísticos da identidade, língua, história e cultura portuguesa;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativos a todos os alunos.

Entendo que, tanto nos objetivos da Organização Curricular e Programas, como da Lei de Bases, está presente a importância de práticas pedagógicas que promovam comportamentos e atitudes positivas nas crianças, indispensáveis ao sucesso escolar. Desta forma, implicitamente está-se a contribuir para a promoção da autoestima.

Segundo Portugal (2010) as competências pessoais e sociais em educação pré-escolar apresentam-se em três áreas: atitudes, comportamento no grupo e domínios essenciais.

Entendo que, tanto no 1.º Ciclo do Ensino Básico como na Educação Pré-Escolar o objetivo essencial é desenvolver competências nas crianças, sendo esta uma finalidade comum. As atitudes, como a autoestima (enquanto atitude em relação a si próprio), são parte das competências essenciais a desenvolver. Assim, parece ser claro e enquadrar-se nos objetivos propostos pelo Ministério da Educação o investimento na promoção da autoestima.

A escola é um local importante de humanização, de desenvolvimento da personalidade da criança, tanto nos seus aspetos cognitivos, como afetivos e éticos. Nesse sentido, precisamos de lutar por uma escola melhor se quisermos formar cidadãos com possibilidade de vencerem e de delinear um futuro passível de ser realizado.

Segundo Sil (2004), “a escola tem de estar pedagogicamente organizada em torno de um projeto educativo sólido, promotor do desenvolvimento dos indivíduos que nele interagem, das relações entre si e da comunidade onde estão inseridos (Almeida, 1991), contribuindo assim a educação, para a realização pessoal, para a integração social e para o desenvolvimento integral do aluno, deixando de ser o local onde não existem espaços para as realizações pessoais e onde se ignora a individualidade e a identidade de cada um.” (p.36).

A autoestima depende, essencialmente, das condições de vida de cada pessoa e, neste sentido, de uma escola de qualidade.

A educação deve formar indivíduos capazes de perceber o real e de superar a realidade.

A criança reconhece o insucesso/sucesso escolar e, neste contexto, a reprovação é um traço marcante da imagem que a criança constrói de si. Desta forma, cabe aos adultos, pais e professores, promover o sucesso e evitar o insucesso escolar.

Como a família pode evitar o insucesso escolar e contribuir para o sucesso escolar:

- Participar ativamente na vida do estabelecimento de ensino;
- Demonstrar interesse e curiosidade pelas temáticas educativas do estabelecimento de ensino;
- Dialogar, saber ouvir, compreender e aconselhar os filhos;
- Promover momentos partilhados de cultura e lazer, como visitar museus, ir ao cinema, entre outros;

- Valorizar o esforço dos filhos nas tarefas escolares;
- Acompanhar os avanços e as dificuldades no processo educativo dos filhos;
- Manter contactos periódicos com os professores;
- Evitar os “rótulos” que marcam o futuro académico dos filhos.

Estas atitudes que deverão ser adotadas pela família, estão diretamente ligadas ao processo educativo da criança e subentendidas no desenvolvimento promocional de uma autoestima positiva, ou seja, com estas medidas, atitudes e reações, a autoestima da criança poderá evoluir positivamente, conforme características referidas anteriormente, e mais favoravelmente poderá alcançar o sucesso escolar.

Como o professor pode evitar o insucesso escolar e contribuir para o sucesso escolar:

- Estimular o desejo de aprender, a curiosidade e a pesquisa;
- Dialogar, saber ouvir e compreender as necessidades, preocupações e dificuldades do aluno;
- Fornecer material educativo estimulante e de carácter exploratório;
- Promover a autonomia e espírito de iniciativa;
- Incentivar ao trabalho em grupo, à colaboração, partilha e cooperação;
- Promover valores como respeito, amizade, confiança e segurança;
- Valorizar e expressar as características especiais de cada criança;
- Incentivando à expressão e comunicação;
- Reforçar positivamente os êxitos, esforços e conquistas.

Segundo Sil (2004), “as atitudes do professor face ao aluno são significativamente importantes na construção do ambiente educativo, no desenvolvimento da relação pedagógica e na estruturação dos climas de aprendizagem.” e acrescenta “a maneira de agir do professor é influenciada pelas suas atitudes, motivos e perceções e é transmitida aos alunos através de ações, afetando assim as atitudes destes. Face à aprendizagem, as atitudes dos professores irão determinar as condições criadas para que essa aprendizagem ocorra, na medida em que o professor influencia as atitudes que os próprios alunos desenvolvem relativamente à aprendizagem.” (p.67). Desta forma, importa ao profissional de educação

criar estratégias para promover um ambiente escolar de qualidade, pois o êxito e eficácia destas medidas, no sentido de minorar a problemática do insucesso escolar, dependem em grande parte da capacidade de envolvimento destes profissionais, cujo papel é fundamental e amplamente reconhecido por todos os interessados no processo educativo.

A procura de explicações para a problemática do insucesso escolar tem sido uma preocupação constante para toda a sociedade. Estar em situação de insucesso escolar implica uma multiplicidade e uma enorme variedade de causas, podem estas resultar de fatores individuais, socioculturais e socioinstitucionais (Sil, 2004).

Sendo assim, o insucesso escolar pode ser justificado segundo Sil (2004), por questões genéticas relacionadas com capacidades individuais da criança; questões de origem social e cultural do aluno, na medida em que o próprio ambiente familiar se revelaria incapaz de proporcionar à criança o conjunto de bases culturais e linguísticas necessárias a sua progressão escolar; e questões relacionadas com a sociedade e com a própria instituição, tendo em consideração a qualidade e eficácia destes estabelecimentos e do sistema educativo.

9. Sugestões de Atividades Promotoras de Autoestima

Apresentam-se algumas sugestões de atividades que podem contribuir para a elevação da autoestima da criança, de acordo com Miranda (2004):

- ✓ Exibição de filmes ou desenhos animados que abordem a autoestima e a superação;
- ✓ Apresentação de pessoas que tenham nas suas histórias de vida exemplos de superação;

Com estas atividades pretende-se que a criança seja capaz de valorizar as suas qualidades e de reconhecer os seus defeitos/limitações/dificuldades com o objetivo de mudar, acreditando nas suas capacidades e valor pessoal. Entende-se também como um incentivo à persistência em direção às suas metas.

- ✓ Promoção e participação em campanhas de doações, a instituições, pessoas e animais com necessidades;

Esta sugestão pretende que a criança desenvolva um sentimento de ligação ao mundo, fomentando pensamentos reflexivos, relativamente às necessidades dos outros e da realidade que a rodeia. Assim, poderá ter uma perceção das suas capacidades e potencialidades, revelando-se disponível para a realização de diferentes tarefas sociais e pessoais.

- ✓ Realização de atividades de confraternização intra e interturmas;

Esta atividade permite articular fenómenos cognitivos, socializadores, motivadores, afetivos e criativos em ambiente escolar. Considera-se um ambiente favorável à partilha de experiências e motivações por objetivos e interesses comuns.

- ✓ Criação do Dia do Abraço (troca de abraços fraternos envolvendo os diversos segmentos da comunidade escolar);

Esta atividade proporciona momentos socializadores e afetivos que facilitam relações emocionais e de confiança em ambiente escolar.

- ✓ Produção, em grupos, de murais e exposições realçando a elevação moral e a autoconfiança.

Esta atividade pretende promover a o espírito de interajuda e cooperação entre as crianças do grupo. Poderá estimular a criatividade e o desejo de aprender. Implica o reconhecimento das tarefas realizadas.

PARTE II

ESTUDO EMPÍRICO

O estudo empírico decorreu junto de uma turma do 2.º ano do 1.º CEB, de uma escola da cidade de Aveiro. Genericamente, a apresentação do estudo encontra-se organizada da seguinte forma: apresentação dos objetivos gerais da intervenção; caracterização do contexto e grupo; análise mais pormenorizada e reflexiva sobre uma criança em particular (GD), nosso estudo de caso; intervenções realizadas e análise e reflexão final.

Em relação à criança GD procurou-se perceber as suas características, os seus sentimentos, as suas atitudes perante vivências experienciadas, respeitando a sua natureza e individualidade.

A descrição da intervenção propriamente dita encontra-se estruturada com a apresentação dos seus objetivos específicos, as estratégias adotadas, considerando essencialmente as necessidades, interesses e individualidades das crianças em geral e, em particular, da criança em análise.

Segue-se a descrição das atividades e intervenções desenvolvidas, assim como as respetivas vivências experienciadas pelo grupo e criança, analisadas e refletidas numa dinâmica de avaliação processual.

Por fim, temos a conclusão/considerações finais que, ponderando os objetivos inicialmente propostos e os concretizados, perspetivam uma avaliação final da intervenção, fazendo um balanço da mesma, suas possibilidades e limitações, assim como eventuais perspetivas de estudo da temática autoestima em futuros trabalhos académicos ou profissionais.

Objetivos gerais da intervenção

Com este projeto, pretende-se analisar, compreender e atuar relativamente à autoestima do grupo de crianças da turma e, em especial, junto da criança GD, procurando promover o bem-estar de todas e assumindo que uma autoestima positiva poderá ser facilitadora do sucesso escolar. Nesta linha de pensamento, conceberam-se e planearam-se atividades e/ou intervenções, práticas realizadas no contexto da Prática Pedagógica Supervisionada.

As intervenções, ainda que focalizadas na promoção da autoestima das crianças, e de GD em particular, vão ao encontro do desenvolvimento de competências pessoais e sociais das crianças, envolvendo atitudes, comportamentos no grupo e competências essenciais. Neste contexto com este trabalho pretendeu-se, promover a autoestima do grupo de crianças, em especial do GD.

10. Caraterização do contexto e do grupo

Este projeto foi desenvolvido numa instituição destinada à educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico, situada em pleno centro urbano, na cidade de Aveiro.

No que diz respeito à comunidade escolar em si, a instituição revela ser um espaço físico e humano agradável e acolhedor, facilitador de um bom ambiente de trabalho.

Este contexto educativo é fustigado com o estigma de estar inserido num espaço habitacional problemático, apesar de não se ter observado situações que coloquem em risco a segurança das crianças.

O grupo em análise, turma do 2.º ano, é proveniente de famílias pertencentes a perfis sócio-económicos de carácter bastante heterogéneo, situados entre o médio-baixo e, pontualmente, mais elevado. A análise dos dados retirados do Projeto Curricular de Turma 2010-2011, permite perceber que o nível de habilitações literárias das famílias é diversificado, maioritariamente, habilitadas com o 4.º ano do 1.º CEB. Estes dados refletem-se de forma inequívoca na situação profissional dos pais, com grande enfoque para a situação de desemprego, alguns casos beneficiando do Rendimento Mínimo de Inserção, influenciando também, a situação sócio-económica das famílias considerando que quase metade da turma beneficia de subsídio escolar. A nível de agregado familiar, a turma encontra-se dividida entre o que se considera família nuclear, situações de monoparentalidade, agregados familiares mais alargados e casos em que as crianças estão ao cuidado de outros familiares, que não os pais. Pelo exposto, pode-se inferir tratar-se de uma turma também de natureza heterogénea do ponto de vista familiar, podendo-se refletir em termos de diverso acompanhamento escolar dos respetivos educandos.

O relacionamento família-escola afigura-se maioritariamente recetivo, pautado pela articulação de comunicação ora presencial, ora por intermédio da caderneta, em relação ao processo educativo das crianças, sendo pontuais os casos em que esta comunicação não se verifica de forma tão regular como pretendida pela docente.

Reconhecendo as características desta realidade e a presença de crianças que parecem experienciar alguma instabilidade emocional, considerou-se que seria de real importância agir neste contexto, trabalhando a autoestima. Pretendeu-se criar momentos proporcionadores de bem-estar emocional e em que as crianças se sentissem implicadas, ou

seja pretendeu-se promover a autoestima, melhorando a visão de si próprio e, consequentemente, a relação da criança com a escola e com os outros.

A partir da observação e registo do funcionamento geral do grupo, tomando como base a ficha 1g do SAC (em anexo), pode-se perceber que estamos perante um grupo que, maioritariamente, evidencia sinais de bem-estar emocional e implicação, expressando alegria, conforto e interesse pelas atividades propostas. Verificou-se preferências dos alunos por determinadas áreas curriculares, nomeadamente Expressões Artísticas (desenhar, cortar e colar) e Língua Portuguesa (ouvir e recontar narrativas), aí se verificando níveis mais elevados de implicação. Em geral, as crianças expressam autoconfiança, vitalidade e assertividade.

Segundo o Projeto Curricular de Turma 2010-2011, as crianças participam na vida escolar com grande vivacidade e entusiasmo e, na sua maioria, estão motivados para a frequência escolar.

É visível a relação de amizade e cumplicidade existente entre grupos de crianças, em especial no grupo das meninas e no grupo dos meninos, revelando-se este último mais coeso, talvez por ter um interesse em comum, o futebol. Geralmente são crianças bastante curiosas relativamente a assuntos que constituem novidade e revelam gosto pela partilha de experiências relacionadas com os seus interesses.

11. Caraterização do GD

Ainda que os objetivos do projeto sejam direcionados a todas as crianças, o foco do estudo é uma criança em particular. Esta opção justifica-se pelo facto de o GD já ter experienciado a situação de retenção escolar registando baixos níveis de implicação em várias tarefas e atividades, podendo ser considerada uma criança em risco.

O GD revelou ser uma criança meiga, divertida e curiosa e com alguma capacidade de iniciativa ainda que evidenciando baixa implicação na realização de várias atividades. Percebe-se alterações nos seus comportamentos quanto às atividades desenvolvidas, notando-se a preferência pelas áreas curriculares de Expressões Plásticas e Estudo do Meio.

Esta criança parece ter um bom relacionamento com o grupo, em particular com os meninos, partilhando o gosto pelo futebol e jogar “apanhada”. Já com o adulto revela-se um pouco retraído, apesar de esse facto não parecer limitador das suas atitudes.

Expressa autonomia, evita pedir ajuda ao adulto, mas quando o faz revelava-se agradecido, meigo e carinhoso, de notar que, geralmente, esforçava-se bastante na concretização das tarefas em que se implicava e recorria a ajuda em último recurso. Nas tarefas em que a implicação era baixa, momentos frequentes, os pedidos de auxílio eram nulos, permanecia desinteressado e apenas seguia as sugestões do adulto. Normalmente respeitava as regras e indicações do professor, apesar de manifestar alguma frustração quando estas não iam ao encontro da sua vontade e preferências, como por exemplo, quando no desenvolvimento de uma atividade, a professora dividiu a turma em pequenos grupos de crianças e no grupo do GD ele era o único rapaz.

Apresentava alguma dificuldade a nível de auto-organização, em especial em tarefas que implicassem escolhas e decisões, bem como dificuldade de concentração, refletindo-se em momentos de pouca implicação. A título exemplificativo, o GD com alguma frequência apresentava uma expressão facial de ausência e, algumas vezes, brincava com o material escolar, construindo aviões e outros objetos.

Por vezes, revelava alguma insegurança e ansiedade no contato com novas situações, em especial quando implicavam exposição social, o que poderá estar associado a uma fraca autoestima.

12. Abordagem metodológica

Tratando-se de um estudo em que o seu foco foi a compreensão e interpretação de atitudes, emoções e comportamentos, relacionados com a autoestima, optou-se por uma abordagem de natureza qualitativa. Tratou-se de um estudo de caso em que, apesar de as atividades desenvolvidas serem extensíveis a toda a turma do 2.º ano do 1.º CEB, o enfoque principal recaiu numa criança em particular, o GD.

Ponte (2006) considera que um estudo de caso “é uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir a que

há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (p. 2)

A metodologia adotada contemplou três fases:

1ª - Diagnóstica, onde se procurou caracterizar o contexto e o grupo, e identificar os casos de crianças que poderiam necessitar de alguma atenção extra. Os dados foram recolhidos através dum processo de observação, registados com o apoio da ficha 1g do SAC (em anexo) e analisados para se proceder à seleção do caso a estudar.

2ª – Processual, de carácter permanente e contínuo, onde se planificaram e implementaram atividades promotoras de autoestima. Os reforços positivos e a exposição e valorização dos trabalhos realizados acompanharam todo o processo. Foi dada uma atenção especial aos comportamentos do GD, alvo de registo, análise e avaliação. Os dados foram recolhidos a partir de observação participante e não participante e de registos escritos que resultavam de conversas intencionais ou espontâneas. Os dados foram tratados, analisados e avaliados considerando o bem-estar emocional e implicação da criança, bem como, indicadores de autoestima da mesma. Manteve-se a preocupação de ao longo deste processo detetar dificuldades e limites das intervenções, desenvolvendo alternativas, reformulando-as e adaptando-as, sempre no sentido de respeitar e procurar responder às necessidades e interesses das crianças da turma, em especial do GD. Nesta fase as reflexões conjuntas, com a colega da díade e com a professora da turma revelaram-se essenciais na procura de respostas para as questões e dificuldades que resultavam das intervenções.

3ª – Final, de carácter conclusivo, fruto da análise de dados resultantes de um processo de observação dos comportamentos decorrentes das atividades desenvolvida no âmbito da Prática Pedagógica. Experiências deste género vêm reforçar a natureza transversal que assume a promoção da autoestima. As atividades desenvolvidas em pequenos grupos, proporcionaram momentos de entusiasmo, onde foram visíveis comportamentos reveladores de elevados níveis de bem-estar e implicação.

Esta fase contempla também uma reflexão sobre a forma como os objetivos do projeto foram trabalhados, aquilo que se alcançou e a informação disponível na literatura, realçando ainda limitações do estudo e sugestões para trabalhos futuros.

13. Organização da Intervenção

13.1 Objetivos específicos

Junto de todo o grupo de crianças procurou-se desenvolver um conjunto de iniciativas e protagonizar continuamente atitudes de atenção, de respeito e de aceitação visando assegurar bem-estar e promover a autoestima. Junto da criança em estudo, em particular, houve sempre a preocupação de:

- Valorizar positivamente as características singulares, diferentes da criança.
- Dialogar, saber ouvir e compreender as necessidades, preocupações e dificuldades da criança.
- Promover o otimismo, a criatividade e a expressão de sentimentos e pensamentos.
- Contribuir para o desenvolvimento de noções relacionadas com valores e atitudes, como confiança e respeito, entre outros.
- Estimular a autonomia, participação, colaboração, partilha e sentido de responsabilidade.
- Reforçar positivamente esforços e conquistas.
- Evitar os “rótulos negativos” que marcam a identidade académica e pessoal da criança.

Foi ainda objetivo, acompanhar o desenvolvimento do projeto através do SAC, focalizado na experiência da criança, lida em termos de níveis de implicação e de bem-estar.

13.2 Estratégias

No contexto de estágio, procurou-se assegurar que, pelo menos uma vez por semana, se realizassem atividades, em contexto sala de aula ou no exterior, orientadas para a prossecução dos objetivos referidos.

- Assim houve a preocupação em proporcionar momentos em que o GD, sendo mais velho, poderia ajudar os colegas a compreender ou fazer algo, salientando as suas qualidades e as áreas em que ele é claramente bom.
- Estar muito atenta ao GD e, sempre que adequado, elogiar e estimular positivamente.
- Dinamizar atividades de expressão de sentimentos e pensamentos.
- Desenvolver atividades promotoras da aceitação da diferença, da confiança e de respeito.

- Produzir, em grupos, um mural realçando a elevação moral e a autoconfiança.
- Dinamizar atividades que promovam atitudes autónomas e responsáveis.
- Encorajar atividades livres.

No decurso da intervenção, utilizou-se o SAC para registo das observações contínuas relativas aos níveis de bem-estar emocional, implicação, indicadores de autoestima, facilitando o processo de avaliação da mesma.

13.3 Atividades ou Intervenções

➤ Atividade realizada em 15.11.2011

Leitura e exploração da história “Orelhas de Borboleta”, de Luisa Aguiar e André Neves.

Área curricular: Língua Portuguesa

A atividade teve início com um momento de contextualização, dinamizado pelo diálogo em grande grupo sobre a temática “Amizade”. Pretendeu-se explorar qual a perceção da turma sobre o sentimento amizade, como se manifesta e algumas atitudes fundamentais para se estabelecer uma boa relação de amizade. Neste sentido, procedeu-se a um levantamento de opiniões das crianças, tendo sido registados os seguintes comentários:

Amizade é... “ser amigo é brincar com quem se gosta”.

GD diz que “ser amigo é gostar de brincar com os colegas, emprestar os brinquedos, não dizer mal dos colegas, partilhar o lanche, ajudar quando precisam”.

Como se manifesta a amizade...”ser amigo, ser simpático, fazer as coisas certas, dar carinho, não magoar, dar atenção”.

Atitudes para uma boa relação de amizade... GD diz “ser simpático, ser verdadeiro, partilhar, brincar sem magoar, ser atencioso, não chamar nomes feios” e após uns segundos em silêncio com uma expressão pensativa, acrescenta “ter uma atitude de amigo é por exemplo deixá-lo jogar na minha equipa (futebol) mesmo que não jogue muito bem”.

Questionado em relação se age em conformidade com essa ideia, responde que “algumas vezes sim, outras não!”

De seguida, procedeu-se a uma breve abordagem às “Regras da Amizade” (Guerrini & Filipe, 2005) explorando a mensagem de que “até o pior dos outros tem algo de importante e positivo. Procura descobri-lo” e “apresenta-te ao teu amigo tal como és; a tua imagem é bela, se tu próprio és o primeiro a saber aceitá-la”.

A atividade prosseguiu com a leitura da história “Orelhas de Borboleta”, simultaneamente visionada no quadro interativo. Esta história remete para a valorização das diferenças, assente em valores como o respeito, a autoestima, otimismo perante qualidades ou situações adversas. O seu conteúdo trabalha a construção e tomada de consciência da identidade pessoal, respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções.

Breve excerto

“ _ A Mara é orelhuda!

_ Mãe tu achas que eu sou orelhuda?

_ Não, filha. Tens é orelhas de borboleta.

_ E como são as orelhas de borboleta?

_ São orelhas que revolteiam na cabeça e pintam as coisas feias de mil cores.”

O trabalho desenvolvido a partir desta história teve como principal objetivo explorar situações do quotidiano das crianças, em que uma insignificante característica pode ser motivo de troça. Através da reconstrução da história, pretendeu-se que as crianças percebessem que este tipo de comportamento pode desencadear mal-estar nos relacionamentos que estabelecem. Especialmente para os que são alvo de comentários depreciativos dos colegas, a mensagem que lhes transmitiu este conto foi a possibilidade de converter em positivo aquilo que é motivo de troça para os outros. Outra mensagem explorada consistiu no facto de se valorizar as características que nos diferenciam dos outros, porque nos distinguem como seres especiais e únicos. Por outro lado, reconhecer e reivindicar a diferença fortalece e ajuda a aceitarmo-nos como somos, reforçando a identidade de cada um. Esta mensagem é frequentemente explorada ao longo da história, quando aquilo que para os outros é considerado um defeito, para a Mara (personagem principal) é uma vantagem de que os outros carecem.

Na sequência da história foram trabalhados aspetos, em várias aulas, relacionados com o que cada um é, numa perspetiva de reconhecimento e aceitação pessoal da sua identidade e respeito pela diversidade.

Nesta aula, foi proposto à turma a elaboração coletiva de um cartaz onde cada um apontasse uma característica física e outra psicológica do retrato da personagem principal, a Mara. De início, houve alguma confusão na diferenciação desta caracterização, mas progressivamente a turma percebeu que o aspeto físico se refere ao que é visível, e o psicológico às características percebidas pelas atitudes e comportamentos que se têm. No final, concluíram que uma pessoa é precisamente a junção destas duas realidades, sistematizando a mensagem em informação contida no cartaz.

No decurso desta atividade, GD revelou relativa implicação em termos de trabalho colaborativo na realização do cartaz alusivo às características físicas e psicológicas da personagem Mara. Em virtude de um momento de conversação informal, mas intencional, acerca de como se sentia com o seu próprio aspeto físico, sendo levado a apontar algumas características pessoais, GD revelou algum desconforto e expressou alguma tensão emocional. Provavelmente, este sentir poderá ter origem em situações de convívio com os seus pares, em tempo de recreio, em que revela ter sido várias vezes alvo de comentários depreciativos, rotulado de “O gordo”. Na sequência deste momento, pareceu evidenciar alguma falta de autoconfiança e sentido de valor pessoal, perante o reconhecimento de situações que contemplavam este tipo de comentários. Tendo por base a história explorada na aula, a exploração dessa característica física e pessoal de GD decorreu num momento de reflexão do grupo sobre as vantagens e outras qualidades que GD apresenta, tendo-lhe sido atribuída uma visão mais positiva por parte dos colegas, com comentários do género “os gordinhos são mais fofinhos... são tão queridos”. Perante estas expressões, GD revelou uma timidez particular, mas também o reconhecimento de ter muitos amigos, independentemente de o acharem “gordo”. A exploração e reconhecimento de outras qualidades de GD em grande grupo, poderá ter contribuído, mesmo que pontualmente, para ver acrescido o seu sentido de autoconfiança e valor pessoal, aumentando deste modo os seus níveis de bem-estar emocional.

No que diz respeito ao impacto da atividade no grande grupo, denotou-se que na generalidade as crianças se revelaram implicadas e participativas, através da partilha de

opiniões e na vontade de elogiar aqueles que mais se identificavam com a Mara, a personagem da história.

Tal como era seu propósito, entende-se que esta atividade ajudou a promover o processo de consciencialização do “eu” como um todo, apesar de se ter constatado alguma confusão entre descrição física e psicológica.



Fig. 1 - Cartaz do retrato físico e psicológico da Mara

➤ **Atividade realizada em 15.11.2011:**

Retrato físico do rosto, para elaboração de um postal.

Área curricular: Estudo do Meio

Na sequência da temática da história abordada na aula de Língua Portuguesa, foi proposto à turma que, a partir da visualização individual do rosto no espelho, fossem descritos aspetos físicos, característicos de cada um, iniciando com Eu sou... (identificação de género), seguido de Eu tenho... (características físicas do rosto), Eu uso...(adereços que utilizem no quotidiano e que façam parte da sua caracterização). Embora trabalhando outros aspetos, no âmbito do projeto de promoção da autoestima esta atividade visou o reconhecimento, aceitação e apresentação da identidade física e pessoal, tomando o aluno como ser único, com características únicas que o tornam especial.

O desenvolvimento desta atividade implicou intervenção em dois dias.

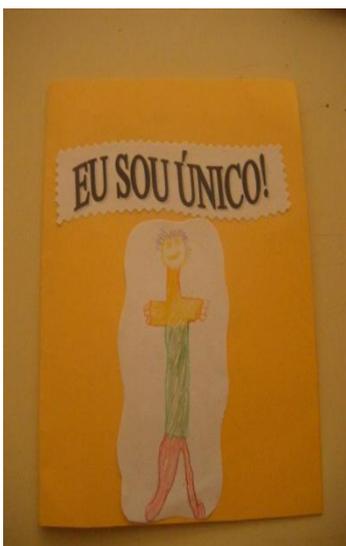


Fig. 2 - Rosto do postal

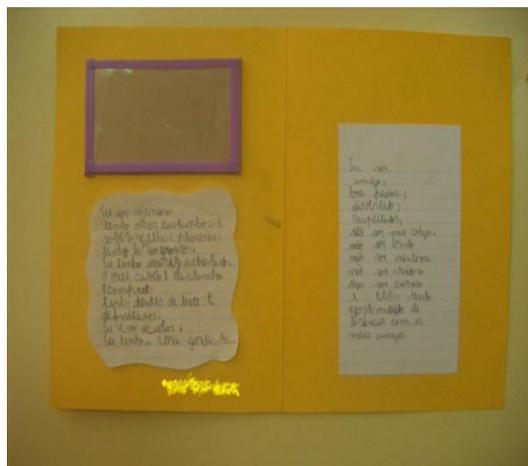


Fig. 3 - Interior do postal

➤ **Atividade realizada a 16.11.2011:**

Retrato psicológico para elaboração do postal (Continuação).

Área curricular: Língua Portuguesa

Esta atividade foi contextualizada com um diálogo em grande grupo, aludindo ao trabalho referente à personagem da história “Orelhas de Borboleta”, no sentido de se averiguar aquilo que cada um é e que não se vê no espelho. Neste sentido, a turma foi desafiada a pensar como é que se reconhece aquilo que cada um é numa realidade que não se vê. As respostas foram diversas, mas todas remetendo para comportamentos e atitudes: “através do que fazemos; como nos comportamos com as outras pessoas; como falamos; como brincamos...” No fundo, a turma conseguiu reconstruir a ideia, já abordada noutras situações, de que todos somos também aquilo que transmitimos nas nossas atitudes e comportamentos e que essa informação está na base da forma como os outros nos veem, seja uma visão positiva ou menos positiva.

De seguida, foi explorado em grande grupo, com participação individual, e registo no quadro, uma listagem de qualidades ou aspetos positivos e outros menos positivos possíveis de identificar e caracterizar psicologicamente uma pessoa. No final, dispendo de uma lista e de um campo lexical bastante rico e diversificado, foi sugerido a cada aluno

que fizesse o seu próprio retrato psicológico, a ser anexo à contracapa do postal, iniciado na atividade anterior, com o registo do retrato físico.

No âmbito desta atividade, de um modo geral, GD expressou níveis positivos de bem-estar e implicação através do empenho e concentração com que desenvolveu o seu trabalho. De facto, no momento relativo à sua descrição física, nomeadamente do rosto, não deixou de evidenciar alguma insegurança e timidez no reconhecimento de ter um rosto “gordinho” e nariz “achatado”, tendo sido evidente alguma tensão emocional. No entanto, no que diz respeito à sua descrição psicológica, expressou reconhecimento pelo seu valor em tópicos do género “sou bom amigo, divertido e bem disposto”. Parece ser uma criança que dá o que de melhor reconhece em si, que não deixa de se sentir bem consigo própria e com o mundo. Sendo esta a dimensão que mais valoriza, presume-se ter compreendido os seus próprios sentimentos, evidenciando autoconfiança suficiente ao reconhecer as suas características, aceitando-as positivamente.

As crianças da turma revelaram-se bastante implicadas e curiosas em relação a concretização e desenvolvimento de toda a atividade, apesar de permanecer alguma dificuldade em distinguir as características físicas das psicológicas. O facto de se poderem ver ao espelho e poderem focar-se em si próprias revelou-se bastante motivador, além de que o postal seria um presente de Natal para a família, logo razão de maior cuidado e esmero.

➤ **Atividade realizada em 22.11.2011:**

- Elogios na Palma da Mão

Área curricular: Expressões Artísticas

Esta atividade teve início com a explicação à turma do que se iria trabalhar, com base no registo de comentários e características positivas dos colegas, independentemente de serem mais ou menos próximos. É salientado o facto de se concentrarem nos aspetos mais favoráveis, orientando a perceção de cada um para aquilo que o outro tem de bom para oferecer. Com estas indicações, cada aluno contornou a sua mão numa folha, recortou-a e escreveu o seu nome na palma da mão. Posteriormente, as folhas foram recolhidas e

distribuídas de forma aleatória e anónima pelos elementos da turma. Na posse do desenho da mão de um colega, cada aluno pensou numa característica positiva, física ou psicológica, que identificaria aquele colega como especial. De seguida, escreveu o seu comentário num dos dedos e a mão foi circulando até que todos estivessem preenchidos. No final, as mãos foram recolhidas e devolvidas aos respetivos donos que, perante a turma, partilharam os comentários positivos que lhe foram tecidos, sob anonimato, por colegas da turma. O conjunto das mãos e respetivos elogios, foram organizadas na construção de um cartaz, exposto na sala, sob o título “Elogios na palma da mão”.

Esta atividade pressupunha o desenho da sua própria mão, a escuta dos comentários positivos dos colegas, a atribuição de elogios aos companheiros da turma e finalmente a leitura ao grupo das características que foram atribuídas a cada criança. Perante estas situações o GD evidenciou alguma tensão emocional antes da leitura da opinião dos seus colegas. À medida que foi partilhando o registado na sua mão, foi descontraindo. Inicialmente não evidenciava autoconfiança, nem sentido de valor pessoal, expressando alguma surpresa à medida que ia tomando conhecimento dos elogios feitos pelos colegas. Ao finalizar a leitura expressou um nível de autoconfiança superior ao inicial, revelando contentamento e satisfação pelo reconhecimento do seu valor pelos colegas.

Neste sentido, pode-se apreciar o facto de a atividade concretizada ter contribuído de forma visível para um aumento de bem-estar emocional, com reflexo positivo em termos de níveis de autoestima.

As crianças em geral evidenciaram entusiasmo, alegria e bem-estar, reconhecendo valor próprio. Do momento da exposição resultaram atitudes diversas. Algumas crianças manifestaram satisfação, orgulho e segurança ao revelar as suas qualidades aos colegas, por sua vez outras revelaram algum desconforto neste momento, apesar de ser notório a sensação de agrado no reconhecimento do seu valor pessoal.



Fig. 4 - Desenho da mão do GD



Fig. 5 - Cartaz "Elogios na palma da mão"

➤ **Atividade realizada em 30.11.2011:**

"Eu sou especial porque..."

Área curricular: Expressões Artísticas

Esta atividade foi iniciada com um momento de contextualização dedicado ao diálogo em grande grupo, com uma breve alusão à mensagem transmitida pela banda desenhada do livro "Eu sou único e especial", da autoria de Paulo Moreira (2010, pp. 106-114), sendo abordadas situações diversas de estímulo e promoção de autoestima. Foram explorados alguns dos amigos da Estima, a personagem principal, como o *elogio* quando se fazem coisas bem-sucedidas, o *consegues* como a energia que cada um dispõe para fazer coisas bem feitas, o verdadeiro *amigo* sempre do nosso lado, mesmo quando se está em dificuldade, o *positivo* que encara as dificuldades como algo que será ultrapassado com trabalho e persistência.

De seguida foram colocados dois desafios à turma: primeiro mencionar uma situação ou aspeto em que são especiais, porque são realmente bons; de seguida, mencionar uma situação ou aspeto em que revelam ainda dificuldade e qual a atitude que devem tomar para a ultrapassar.

Neste sentido, procedeu-se ao registo de algumas opiniões:

"Sou especial porque sei dançar";

“Jogo muito bem futebol”, ideia partilhada por muitos dos meninos;

“Sei fazer bolos”;

GD além de partilhar a ideia de ser bom a jogar futebol, diz que é bom a ajudar a mãe nas tarefas de casa. Acrescenta que deveria melhorar quanto à partilha dos seus brinquedos com o irmão, mas que iria tentar melhorar quanto a isso.

Este diálogo pretendeu esclarecer as dificuldades com que as crianças se deparam no seu quotidiano, encarando-as como desafios a ultrapassar numa atitude de trabalho e persistência. A título de exemplo, foi-lhes pedido que fizessem um balanço do que não conseguiam fazer antes de entrarem na escola e que hoje lhes parece fácil ou quase adquirido, no sentido de reconhecerem que o alcance de objetivos pressupõe trabalho e persistência.

Por falta de tempo para ser realizado em contexto sala de aula, mas também numa perspetiva de promover o envolvimento da família, foi distribuída uma folha intitulada “Eu sou especial porque...”, a ser preenchida em casa, com a colaboração dos pais ou familiares significativos. Deste modo, foi pedido que preenchessem os espaços referentes a cinco situações diferentes (família, escola, aspeto físico, amigos, professora, e outra figura significativa da escolha da criança), salientando aspetos em que são considerados especiais. Nesta atividade foi perspetivada a participação e envolvimento da família, enquanto primeira instância educadora e responsável na promoção da autoestima dos filhos.

Segundo o GD, o preenchimento da folha foi feito em conjunto com a mãe e registada por ele. Deste modo, o objetivo de proporcionar o envolvimento com a família foi conseguido. Salienta-se o facto de GD considerar-se uma criança querida, inteligente, divertida e feliz. Revela também considerar que tem um corpo especial porque “sou gordinho”, característica que parece aceitar como parte de um todo.

Em relação ao grupo, penso que nesta atividade os objetivos não foram totalmente conseguidos, em alguns casos ficou a dúvida em relação ao registo, se este foi elaborado individualmente pelo adulto ou em conjunto com a criança, como era pretendido. Ainda assim, penso que a atividade permitiu às crianças reconhecerem o seu valor, alimentar uma autoestima positiva e perceber que permanecem sempre aspetos que podem ser melhorados.

EU SOU ESPECIAL

EU SOU ESPECIAL, porque sou único e só eu sei fazer as coisas como faço.
Descubro aquilo em que sou bom ou tenho melhorado nos últimos tempos e registro:

<p style="text-align: center; font-size: small;">Sou especial para a minha família</p>  <p>porque _____</p> <p>_____</p>	<p style="text-align: center; font-size: small;">Sou especial na escola porque...</p>  <p>_____</p> <p>_____</p>
<p style="text-align: center; font-size: small;">Tenho um corpo especial porque...</p>  <p>_____</p> <p>_____</p>	<p style="text-align: center; font-size: small;">Para os meus amigos, sou especial porque</p>  <p>_____</p> <p>_____</p>
<p style="text-align: center; font-size: small;">Para a professora, sou especial porque...</p>  <p>_____</p> <p>_____</p>	<p style="text-align: center; font-size: small;">Para o (a) _____, sou especial porque...</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

Fig. 6 - Folha de registo “Eu sou especial”

➤ **Atividade realizada em 13.12.2011:**

Jogo “A Rede da Amizade”

Área curricular: Estudo do Meio

Este jogo foi desenvolvido no recreio, em grande grupo, com participação individual e a pares. Através de uma dinâmica lúdica, foi desenvolvido um jogo com o objetivo de promoção da autoestima, com acréscimo do valor pessoal a partir da caracterização positiva dos pares, reconhecimento de qualidades e fragilidades pessoais.

Descrição do jogo: dispostos em círculo, cada aluno passou a bola a um colega da sua escolha, salvaguardando não poder haver repetição na escolha de colegas. Este, por sua vez, apresentou-se (não obstante já se conhecerem), dizendo uma coisa que gostava de fazer e outra que não era do seu agrado. De seguida, tecia um elogio ao colega que lhe dirigiu a bola, manifestando algo em que o considerava especial e o jogo prosseguiu até todos os alunos terem sido alvo de um elogio. O último aluno a receber a bola, depois de se

ter apresentado, enviou a bola para o jogador que iniciou o jogo, para que também este se apresentasse e tecesse um elogio ao colega.

Antes de se iniciar o jogo, foi lembrada a temática “Eu sou especial”, trabalhada na semana anterior. De seguida, foram explicadas as suas regras e o seu objetivo, exemplificando elogios de modo a certificar que só seriam mencionadas qualidades e aspetos positivos dos intervenientes.

O desenvolvimento desta atividade (jogo) proporcionou um momento de educação ao ar livre bastante prazeroso, com o intuito de desenvolver a autoestima a partir da caracterização positiva dos pares e do reconhecimento de qualidades e fragilidades de cada criança. O jogo tendo um carácter integrador e desinibidor permitiu que as crianças se expressassem com maior facilidade, entusiasmo e interesse, fomentando atitudes espontâneas, divertidas, de partilha e de cumplicidade.

Foi visível o momento de implicação e bem-estar de todos os intervenientes, onde o GD não foi exceção. No momento de se apresentar revelou os seus gostos: “Gosto de ter muitos amigos e não gosto de andar à bulha”. Ao elogiar o colega, fê-lo com segurança, “és amigo.”. Quando recebeu o elogio da colega seguinte, como sendo especial porque é divertido, reage sorrindo e expressando alguma timidez. Manifestou-se mais à vontade em elogiar do que em receber elogios.



Fig.7 - Jogo “A rede da amizade”



Fig. 8 - Jogo “A rede da amizade”

➤ **Intervenções**

Para além das atividades propostas, contempladas neste projeto como promotoras de autoestima, este estudo contemplou intervenções permanentes, elogios e reforços positivos em momentos adequados. Sempre que possível, foram expostos os trabalhos realizados e, quando oportuno, foi sugerida a partilha de conhecimentos ou experiências com os colegas e professores.

Os elogios e reforços positivos afetam positivamente a construção emocional da criança, favorecendo o desenvolvimento da autoestima. Deste modo, revelou-se importante observar atentamente atitudes, ações e expressões espontâneas que foram acontecendo no decurso do estágio. Neste sentido, houve uma preocupação em reforçar positivamente alguns destas manifestações.

Geralmente todas as crianças reagiram positivamente a estes reforços, sentindo-se motivadas pelo reconhecimento do seu esforço.

No desenvolvimento duma atividade que abordava a temática *gerações*, o GD manifestou vontade de partilhar o seu conhecimento com os colegas. De frente para os colegas expôs o assunto, revelando-se uma criança desinibida, confiante, segura de si e dos seus conhecimentos. Durante esta situação, o GD revelou-se uma criança com uma autoestima bastante positiva, estava implicado na sua tarefa e expressava bem-estar e entusiasmo.

Expressou um sentimento de felicidade pelo reconhecimento do seu valor, dada a importância e contributo da sua partilha perante os colegas.

Verificou-se que os reforços positivos funcionam como um estímulo, uma motivação, representam o reconhecimento do esforço e o valor de cada um, contribuindo para uma autoestima positiva.

Relativamente à exposição de trabalhos feitos pelas crianças, a maioria valoriza o facto de estes permanecerem expostos, expressam orgulho pelo esforço reconhecido. O GD reage com alguma indiferença a este tipo de intervenção, parecendo não lhe atribuir grande importância.

A última atividade desenvolvida no âmbito da Prática Pedagógica, não estava inicialmente pensada como parte integrante deste projeto, como promotora de autoestima. No entanto, considera-se ter contribuído, ainda que transversalmente para a promoção da autoestima.

Esta atividade experimental, inserida na área curricular do Estudo do Meio, explorou a temática Eletricidade, bons e maus condutores de corrente elétrica. Foi desenvolvida em pequenos grupos e permitiu que todas as crianças pudessem experienciar o fenómeno científico estudado, a condução elétrica.

No desenvolvimento desta atividade, o GD revelou bem-estar e conforto adaptando-se bem ao desafio apresentado. Estas atitudes podem ser resultado do facto de estar em presença de uma intervenção inserida numa das áreas curriculares de sua preferência. Revelou autoconfiança, curiosidade, motivação e entusiasmo durante toda a experiência. Manifestou sentido de responsabilidade, evidenciando cuidado na manipulação dos materiais.

O GD mostrou-se uma criança curiosa, com vontade de aprender com esta nova experiência, mantendo elevados níveis de bem-estar e implicação.

Pudemos perceber que as atividades que atendem à curiosidade natural das crianças revelam-se extremamente importantes para o seu desenvolvimento porque permitem interação, reconhecimento e contato com a realidade. Criam um ambiente envolvente que estimula a curiosidade e desejo de aprender, proporcionando a aquisição de novos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades, de forma natural e prazerosa.

14. Conclusão e considerações Finais

O desenvolvimento do presente projeto teve como principal objetivo promover a autoestima de um grupo de crianças, em particular do GD, a partir da conceção, implementação e avaliação de diversas atividades e intervenções, de forma articulada com o desenvolvimento do currículo no 1.º CEB, no âmbito das áreas curriculares.

Este projeto permitiu observar e refletir acerca de algumas situações que foram sucedendo com o grupo e em especial com o GD. Considera-se que as intervenções e o tempo dispensado para a Prática Pedagógica foram demasiado efémeros para se poder verificar resultados efetivos e duradouros das intervenções. De qualquer modo, entende-se que a preocupação em desenvolver atividades e proporcionar momentos que promovessem a

autoestima das crianças resultou em maior bem-estar emocional e pode ter contribuído positivamente no processo de desenvolvimento do grupo.

Mais que constatar alterações de comportamento no GD, pode-se concluir que esta criança apesar de poder ser uma criança em risco, por todo o contexto envolvente caracterizado anteriormente, revela sinais de autoestima positiva, tanto em termos emocionais como de conduta. Por vezes surgem situações às quais reage com algum desconforto, insegurança e dúvidas do seu valor, mas não se considera atitudes preocupantes. É uma criança que se encontra em processo de desenvolvimento, e como tal considera-se normal alguma falta de firmeza nesta etapa do seu crescimento. Desenvolve atitudes de abertura em relação ao ambiente envolvente, transmitindo serenidade e responsabilidade. Parece uma criança espontânea, de bem com a vida e com os outros, apesar de em algumas situações, demonstrar alguma dificuldade em expressar e reconhecer o seu valor.

Revelou-se de extrema importância a utilização de algumas fichas do SAC, permitindo obter uma visão mais clara e abrangente das necessidades e interesses da criança estudada. A análise e avaliação dos dados recolhidos, foi fundamental para a conceção das atividades e intervenções propostas.

Pela intensidade e qualidade das experiências que organiza sistematicamente, a escola pode e deve contribuir para o desenvolvimento do aluno, em todas as suas dimensões. Na linha de pensamento de Dahlberg, Moss e Spencer (2003), se a criança é um ser em desenvolvimento (crescimento), a função das instituições educativas para a infância será criar condições para que esse desenvolvimento ocorra retirando obstáculos e criando as melhores condições de estimulação. O educador deverá conhecer e perceber bem o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, social das crianças por forma a criar as melhores condições para que este possa acontecer e ser maximizado.

Em futuros trabalhos académicos ou profissionais em torno da promoção da autoestima considero ser pertinente explorar a relação entre a autoestima e o diálogo experiencial, de que falam Portugal e Laevers (2010). Efetivamente, na medida em que o diálogo experiencial diz respeito à competência que o professor ou educador tem em “estabelecer contacto” ou uma relação próxima com o que vai “na mente e no coração” da criança, existirão múltiplas possibilidades a explorar no campo da autoestima. Traduz-se em

iniciativas múltiplas para focalizar nos sentimentos, percepções e cognições da criança, e em procurar reconstruir e recriar esses conteúdos ao nível da própria experiência (do adulto). Envolve, assim, a mobilização da capacidade de empatia do adulto. Como resultado dessa ação a criança comunicará mais livremente (Laevers & Sanden, 1997: 113-118).

Entendo que, desta forma, a interação entre o profissional de educação e a criança seria de maior proximidade e cumplicidade, criando laços e estabelecendo uma relação de confiança. Assim, poder-se-ia compreender melhor a criança no seu todo e intervir com mais conhecimento e assertividade às suas necessidades, contribuindo positivamente para a formação de cidadãos mais autoconfiantes.

15. Bibliografia/Webgrafia

Alcántara, J. A. (1991). Como Educar a Auto-Estima – Métodos. Estratégias. Actividades. Directrizes adequadas. Programação de planos de actuação. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Arándiga, A. V. (1998). Cómo Desarrollar la Autoestima de los Hijos. Colección: Educación y Familia. Madrid: Editorial Eos.

Corpas, A., Surís, A. L., Aguirre, A. & Reñé, R. (1998). Programa de Formação de Educadores. Psicologia Infantil e Juvenil 2. A segunda infância. Lisboa: Oceano-Liarte.

Franco, A. F., (2009). O Mito da Autoestima na aprendizagem escolar. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 13 (2), p. 325-332.

Miranda, S. (2004). Um Voo Possível. O Sucesso Escolar nas Asas da Auto-estima. Porto: ASA Editores, S.A.

Portugal, G. & Laevers, F. (2010). Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças. Porto: Porto Editora.

Sil, V. (2004). Alunos em Situação de Insucesso Escolar. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Tavares, J., Pereira, A., Fernandes, C. & Monteiro, S. (2006). Activação do Desenvolvimento Psicológico. Actas do Simpósio Internacional. Aveiro: Universidade de Aveiro. Departamento de Ciências da Educação.

Universidade do Minho (2007). Estudo de Caso – O que é um Estudo de Caso? Acedido outubro 21, 2013, em <http://grupo4te.com.sapo.pt/mie2.html>

Documentos Oficiais

Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto. *Diário da República nº201- I Série A*. Ministério da Educação. Lisboa.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação. (2006). *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico. 1º Ciclo*. (5.º edição). Lisboa: ME.

Ministério da Educação. (2010). *Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar e para o Ensino Básico*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação e Ciência. (n.d.). *Programas e Metas Curriculares - Apresentação*. Direção-Geral da Educação. Acedido outubro 27, 2013, em <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1>

Ministério da Educação e Ciência. (n.d.). *Metas Curriculares do Ensino Básico homologadas*. Federação Nacional da Educação. Acedido outubro 27, 2013, em <http://www.fne.pt/content/item/show/id/5413>

ANEXOS

Anexo 1

Ficha 1g

Fase 1 – Avaliação geral do grupo

Data: 12.10.2011

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de Implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Nomes *													
1.André Figueiredo				X						X			
2.Ângelo Lopes				X							X		
3.Beatriz Abrantes				X						X			
4.Bruna Alves				X						X			
5.Carlos Santos				X			X						Diagnosticado: Criança hiperativa (medicada e acompanhada)
6.Catarina Maia				X						X			
7.Catarina Marques				X							X		
8.Clara Maia				X						X			
9.David Bastos				X						X			
10.Diogo Oliveira				X						X			
11.Eduardo Branco				X						X			
12.Guilherme Dickman				X					X				Retida no 2ºano
13.Índia Coelho				X						X			
14. Inês Miranda				X						X			
15. Jonas Maia				X					X				

16. Leandro Tavares				X					X			
17. Maria Valente				X					X			Pais divorciados
18. Mariana Leal				X					X			
19. Miguel Gonçalves				X					X			
20. Tiago Pinho				X						X		
21. Wazilene Batista				X					X			

* Colorir ou assinalar os nomes das crianças, na coluna da esquerda, de acordo com código seguinte:

- Vermelho: assinala as crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)
- Laranja: assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas
- Verde: assinala as crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância (níveis altos)